Ano IV — Lisboa, 22 de Janeiro de 1930 — N.º 215

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO

Director literario: PAPIM
Director artistico: PAPUSSE

ilustrações de Augusto Jorge

PORTUGAL e S. JORGE

por Vasco A. Rocha

LEONOR TELES tinha sido expulsa de Portugal, e o Conde Andeiro, seu favorito, tinha sido assassinado.

D. João, Mestre de Avis, fôra nomeado Defensor do Reino, e, pouco depois, era eleito rei.

O rei de Castela, que se julgava com direito ao trôno, por ter casado com uma filha de D. Fernando—D. Beatriz—atravessou o nosso país com um poderoso exército, desvastando tudo à sua passagem, e veio pôr cêrco a Lisbôa.

Os valentes sitiados, pregaram tôda a espécie de partidas aos castelhanos, e não entregaram a capital. Então o rei de Castela viu-se obrigado a levantar o cêrco.

O heroico D. Nuno Alveres Pereira, o Santo Condestável, derrotara os invasores na batalha de Atoleiros, sofrendo os inimigos, pouco depois, novo desastre em Trancoso. Não desânimaram, porém. Organisaram outro exército mais poderoso e entraram pela segunda vez em Portugal. Feriu-se, então, a célebre batalha de Aljubarrôta, em que os castelhanos foram completamente derrotados, graças ao santo patriotismo dos portugueses, e, em especial, de Nuno Alvares, tam temido e respeitado nessa época.

* * *

Corria o ano de 1385.

Num bela sala do sumptuoso palácio do conde D. José de Abrantes, um bonito rapaz, alto, elegante, regulando pelos 18 a 19 anos de idade, passeia agitadamente. É D. Diogo, filho do conde e de D. Margarida Pereira.

Uma das portas abriu-se, e no aposento entrou uma senhora ricamente vestida de preto e de aspecto bondoso

D. Diogo, lançou-se-lhe nos braços.

— Minha mãe! Minha mãe!

Conservaram-se largo tempo abraçados.

— Filho, — disse, de súbito, D. Margarida — escutai... aí vem vosso pai...

Com efeito, o altivo e orgulhoso Conde entrou vagarosamente e com a fronte carregada. Olhou a esposa e o filho com atenção, como se quizesse ler o que lhes passava nas almas.

— Senhora, — disse com rispidêz — peço que vos senteis.

E indicou uma poltrona a D. Margarida. Depois, dirigiu um olhar terrível a D. Diogo, e disse-lhe severamente:

— Meu filho: várias pessoas, em quem confio plenamente, avisaram-me que andais perdido de amôres por uma humilde fidalga espanhola! Quero crer que isso não passa de boato e que não me enganeis na resposta... Ouvistes?...

D. Diogo ficou calado e lançou um olhar aflitivo a sua mãe.

— Não respondeis?! É então verdade?! Não pensais que vos posso tirar tôda a vossa fortuna, e despresar-vos mais ainda que a um criado?!

O pobre rapaz, estremeceu, e, de repente, disse:

— Senhor meu pai: tudo é verdade o que vos disseram. Sim, sou ainda muito jovem, mas prometi a Julieta Etelvina que a mais ninguém receberia por esposa! Ela é digna disso. Nem tôdos os castelhanos são nossos inimigos. Acho que D. Julieta, a-pesar-de ser espanhola, é digna de ser minha mulher; porque ama Portugal como eu amo e como vós amais, meu pai e senhor!

— Mente! — respondeu, a tremer, D. José de Abrantes. — Mente! De hoje em diante não consinto que me chameis pai? Não sei o que vos sucederá ainda! Atreveis-vos a brincar comigo!? Ah! Mais valia que tivesseis morrido na última batalha contra os castelhanos! Sois desobediente, mau filho e mau português, e nêste caso a morte teria sido um bem!

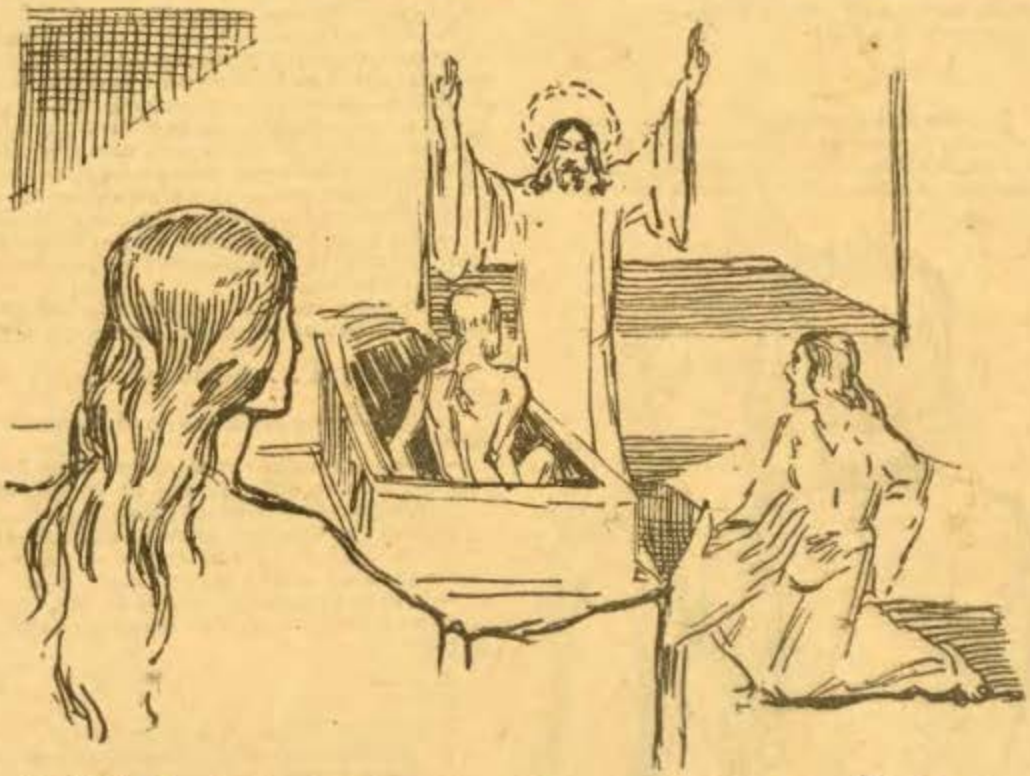
— Senhor! Meu pai! Vós passastes uma vida sossegada até essa idade, e eu sou uma criança, mas já dei o meu sangue na batalha de Atoleiros Ninguém poderá afirmar que me viram sequer num momento de desânimo ou cobardia! Mil vezes feri o inimigo, mil vezes vi a morte, até que, por fim, caí quási sem vida! E é assim que vós me chamais mau português!

— Mau português e mau filho — repetiu o conde, saindo com aprumo, depois de ter feito um pequeno cumprimento a sua esposa, que chorava de comoção.

D. Diogo, correu nòvamente para os braços de sua mãe, e dasatou a soluçar. D. Margarida, conseguiu acalmá-lo, dizendo-lhe com carinho:

— Meu querido filho! Corágem! Portai-vos com brilho na próxima grande batalha contra os nossos invasores! E depois vosso pai dirá, se ficardes vivo, que não sois mau português, e arrepender-se-há, se morrerdes, de ser para vós tam rigoroso e injusto nas suas ameaças! Filho: ainda tendes uma mãe que vos ama! Confiai em Deus!

(Continua na página 4)



UMA BELA AÇÇÃO

Por AMELIA E. SENNA SARMENTO

Desenho de EDUARDO MALTA

LILA era a mais linda moleirinha daqueles arrabaldes.

Seus pais, já vèlhinhos, tinham nela o seu único amparo.

O moinho, já cansado, parecía recuperar a força perdida ao som cristalino da voz da moleirinna. Era esta que animava os dois ajudantes de seu pai a continuarem a sua árdua tarefa.

Jorge e Fernando, assim se chamavam os dois rapazes, amavam em segredo a galante rapariguinha, nunca confessando um ao outro o seu afecto.

Lila há muito se tinha apercebido da afeição que êles lhe tributavam, mas, como era muito amiga de ambos, não queria escolher ainda o que tomaria para espôso, sem primeiro vêr qual o que possuia melhores qualidades.

Seu pai adoece gravemente; cheia de pesar sua mãe morre e Lila para prover às enormes despesas que tinha a fazer, dispôs-se a vender o moinho. Encarregou disto os seus dois amigos, que, prestamente, resolveram procurar quem por êle desse melhor preço.

Jorge foi à cidade e ao primeiro homem a quem propôs a compra do moinho, aceitou logo, não vendo que devia procurar alguem que lhe desse mais.

Por outro lado Fernando que sabia o enorme desgosto que Lila sofreria com a venda do moinho, resolveu ir ter com seu padrinho, um modesto comerciante, que tinha alguma cousa de seu e propôs-lhe fingir a compra do moinho e dar sobre êle o dinheiro que pudesse, que êle, com as suas economias e algum dinheiro que fôsse ganhando, lhe pagaria.

De bom grado e satisfeito pela acção generosa do rapaz, o comerciante acedeu.

Um dia depois apareciam os dois compradores ao moinho e, em seguida a várias divergências, êle ficou na posse do padrinho de Fernando.

Graça aos desvelados cuidados da jóvem em breve o vèlhinho entrava em convalescença.

Então, ao saber da venda do moinho, o seu desgosto foi imenso.

Fernando ao saber disto, pediu para falar a Lila e contou-lhe o que passara, depositando nas suas mãos os documentos pelos quais o moinho nunca deixara de pertencer aos seus primitivos donos.

Reconhecidíssima, a rapariguita imediatamente contou a seu pai o generoso acto do rapaz, elogiando-o fervorosamente.

Não se esqueceu Lila da grande afeição que êle lhe dedicava e foi com alegria que aceden ao seu casamento com êle.

Este realizou-se no meio da alegria de todos e só Jorge, invejoso da felicidade do amigo se retirava, abandonando a aldeia...

FIM

Se o conde D. José de Abrantes ouvisse estas palavras, decerto seria imensa a sua ira.

* * *

D. Nuno Alvares conseguira arranjar um exército de *poucos e bons portugueses*, no qual tomava parte a Ala dos Namorados, um intrépido grupo de jovens que sonhavam com a glória e a felicidade.

O exército dirigia-se para Aljubarrôta, onde os castelhanos já estavam acampados.

D. Diogo cavalgava sem fadiga, mas não ria nem falava como os seus companheiros. Longe de pensar no perigo que ia correr, via sòmente diante de si as imágens de sua mãe, que, áquela hora, rezava e pedia a Deus que o protegêsse — e da formosa e meiga Julieta, que devia, também, naquele momento, soluçar e dirigir preces ao Senhor para que no campo da batalha não ficasse para sempre o seu namorado.

De repente, um cavaleiro acercou-se de D. Disgo.

— Que quereis vós, Martim Vaz? — disse o mancebo, que reconheceu imediatamente o guerreiro mais valente do exército.

— Dizer-vos uma cousa: a senhora D. Julieta manda-vos êste pequeno crucifixo, e pede que o guardeis.

— Oh! Dai cá!... Morrerei ao menos feliz! Obrigado!

— Quê, D. Diogo!? Pensais em morrer assim tam novo?!

— Sim, Martins Vaz amigo. Estou muito desgostoso com a vida e era uma graça de Deus dar-me a morte combatendo pela minha pátria!

Martim Vaz, sem dizer palavra, separou-se do jóvem, e, já longe, sultou uma espécie de rugido, que fez tremer o seu espêsso bigode. Depois, disse:

— A fé de bom cristão e português, que, enquanto fôr vivo, nenhum maldito castelhano tocará em D. Diogo!

Travou-se a batalha. Já o campo estava tinto de sangue, juncado de cadáveres e moribundos. O ruído do choque das armas, das patas dos cavalos pisando o solo e corpos cobertos de armaduras, confundia-se com gritos agudos, com imprecações, com gemidos

Era grande o alarido e maior ainda a corágem dos portugueses.

Os castelhanos tinham vantágens. Superiores em número, dominariam outros que não fôssem os descendentes de guerreiros famosos, que repeliram pouco e pouco os temíveis mouros do seu pequeno país, e que contínuamente eram animados pelo mais sagrado patriotismo e pela grande fé que tinham na religião cristã!

A Ala dos Namorados, fazendo um rio humano por entre os inimigos, tal era a bravura com que acometia, praticava milagres de heroismo ao som do seu imortal grito de guerra:

— Portugal e São Jorge!

D. Nuno Alvares, estimulava os seus compatriotas com exemplos de corágem espantosa, ao mesmo tempo que dizia:

— Ah, portuguêses! Pelejar, pelejar, por amôr da pátria e de el-rei nosss senhor.

D. Diogo, afastado dos seus companheiros, combatia desesperadamente contra um grande número de castelhanos. Sucumbiria, decerto, se não fôsse a terrível espada de Martim Vaz, que cada vez que cala cada vez que um inimigo mordia o pó!

O filho do conde D. José de Abrantes, agradeceu o auxílio do bravo português, e, vendo que D. Nuno estava prestes a ser ferido pela espada bem dirigida dum castelhano traidor, cobriu com o seu corpo o corpo do Condestável, e aparou o golpe que o feriu de tal forma, que caíu ràpidamente do seu cavalo.

Martim Vaz, que seguira o jóvem, pôde evitar que êle fôsse esmagado pelas patas dos cavalos. Depois, levantando-o nos seus braços hercúleos, transportou-o para fora do campo da batalha, e entregou-o a uma mulher agigantada, que parecia seguir com vivo interêsse as mais emocionantes fases do combate.

— Senhora: — disse êle, — fazei-me um grande

serviço: levai êste pobre mancebo, que foi ferido em renhida peleja, e curai-o carinhosamente. Pagar-vos-hei a quantia que desejardes!

— Cavaleiro! Ofendeis-me! Ide combater e deixai o rapaz! A minha obrigação é curá-lo, como bôa portuguêsa que sou!

— Sois valorosa, senhora! Mas afastai-vos, afastai-vos, que êstes sítios são bastantes perigosos!

— Oh! Não me metem mêdo os castelhanos! Pobres homens! Sete dêles meteram-se no meu fôrno e eu vos juro que a todos dei morte cruel, utilizando, sómente, a minha pá, que, muitas vezes é melhor que uma lança! Que Deus me perdõe, mas se eu não os matasse, eles matavam-me a mim!

—Grande mulher! Desejava ter assim uma esposa!

E, dizendo isto, Martim Vaz partiu a galope para pelejar com ardor, deixando D. Diogo aos cuidados duma mulher que ficou célebre na História pelo nome de Padeira de Aljubarrota.

Os castelhanos foram desbaratados, e o país liberto dos invasores.

Três dias estiveram os portuguêses, como de costume, no campo da batalha, e três dias foi o suficiênte para que a denodada padeira curasse os ferimentos sem gravidade do desditoso D. Diogo.

* * *

Era noite.

D. Diogo, encostado à janela do seu quarto, espiava com atenção quatro vultos que caminhavam cautelosamente pelo jardim de sua casa. Um dêles — que parecia ter mais autoridade que os outros — disse aos companheiros em voz baixa, mas que Diogo pôde ouvir: — Não tenhais mêdo nem piedade! Recebereis em troca a quantia que vos aprouver!

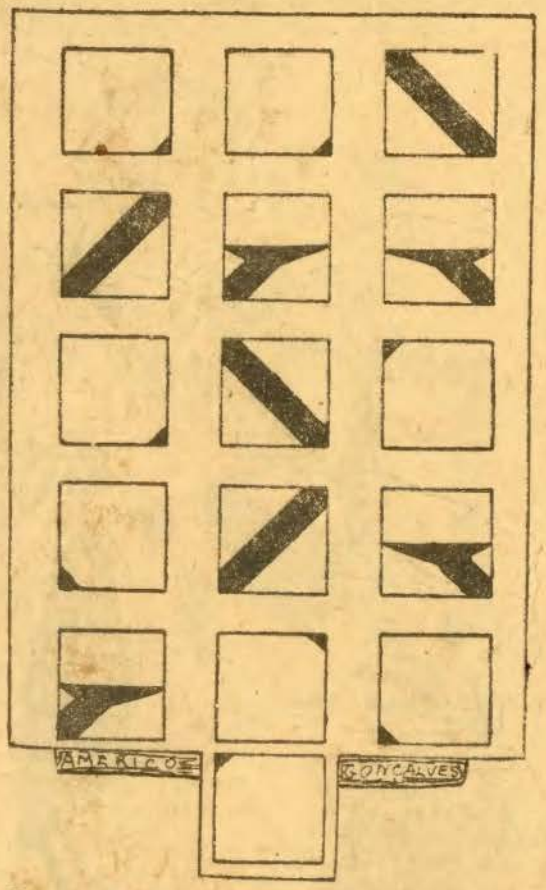
— É o meu pai! — murmurou o jovem. — Meu Deus!

E uma idéa atroz atravessou-lhe o cérebro. Vestiu-se à pressa, cingiu a espada, e saiu, pé ante pé, de casa, para que não fôsse pressentido.

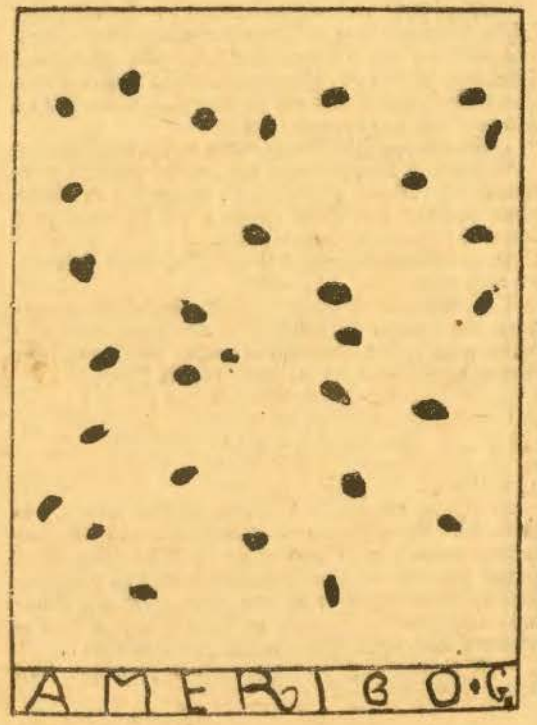
Uma vêz na rua, o mancebo caminhou para a

(*Continúa na página 7*)

HORA DE RECREIO

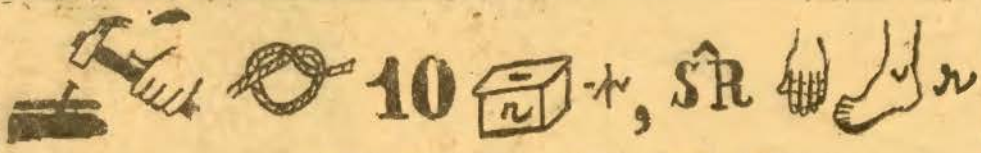


Recortar êstes quadrados formando outro que tem inscrita uma letra.



Traçar três rectas sem cortar os pontos negros e de forma a dividi-los de cinco em cinco

ENIGMA PITORESCO



Formar palavras com a seguinte significação:

1 — instrumento para conduzir doentes.
2 — parte duma fonte.
3 — parte da cabeça.
4 — pau nodoso e cidade.
5 — femenino de saco.
6 — forma de verbo.
7 — lugar onde estão navios.

ADIVINHA PROBLEMA

residência de D. Julieta Etelvina, e chegou a tempo de vêr três vultos fazendo todos os esforços para abrir, sem ruído, a porta principal da habitação da formosa hespanhola. O outro vulto, espiava atentamente as trevas.

D. Diogo, brandido a espada, caíu sôbre êles como um raio e não tardou a estendê-los a todos mortos. O quarto vulto, desembainhou também a espada, e atacou com furor o cavaleiro. Êste só se defendia, com enorme espanto do adversário que lhe preguntou:

— Porque não atacais? Tendes mêdo de me matar?

— Sim, temo de vos matar, porque sou vosso filho, D. Diogo, o qual nunca julgou que seu honrado pai fôsse o capitão astucioso de três bandidos! Ah! Senhor! Eu posso ser mau filho e mau português, mas nunca — juro-vos — um assassino!

O conde estacou, fulminado. Acudiram vários soldados da ronda.

D. José, ordenou-lhes:

— Prendei êste miserável que ousou levantar a espada para o conde D. José de Abrantes! Prendei-o, se não quereis ser todos castigados!

Os soldados cumpriram imediatamente esta órdem.

E, enquanto D. Diogo ia ser mergulhado numa escura masmorra, seu pai jurava cruel vingança contra um ultrage que achava intolerável.

* * *

Ao outro dia, D. Diogo foi chamado à presença de D. Nuno Álvares Pereira, que estava rodeado de numerosos soldados e nobres.

— D. Diogo! — disse o Condestável. — Fizestes uma má acção e precisais de ser castigado com severidade! Ouvis?...

— Fazei o que vos aprouver, senhor! É escusado fazerdes mais preguntas, porque a nada responderei.

— O que é certo é que vós, D. Diogo, tomado de amores por uma espanhola, que todos nós odiamos, praticastes as maiores loucuras, entre elas a de matar três homens, e de vos baterdes em duelo com vosso pai! O mais grave, contudo, é saber que não vos conservastes até final, na última batalha que tivemos contra os castelhanos! Seria por mêdo? Respondei, peço-vos eu, o vosso capitão!

— Sim, D. Nuno, responderei só a essa pregunta: não estive na batalha de Aljubarrota até final, porque temia os castelhanos! Tenho bastante apêgo à vida!...

E ao dizer isto D. Diogo sorria tristemente...

— Ah! Ah! Ainda bem que o confessais! Isso é uma deshonra para a vossa família! Não sabeis o desgosto que me destes com essa atrevida resposta!

De súbito, ouviu-se uma cousa semelhante a um rugido.

D. Nuno, voltou-se e não pôde conter o riso.

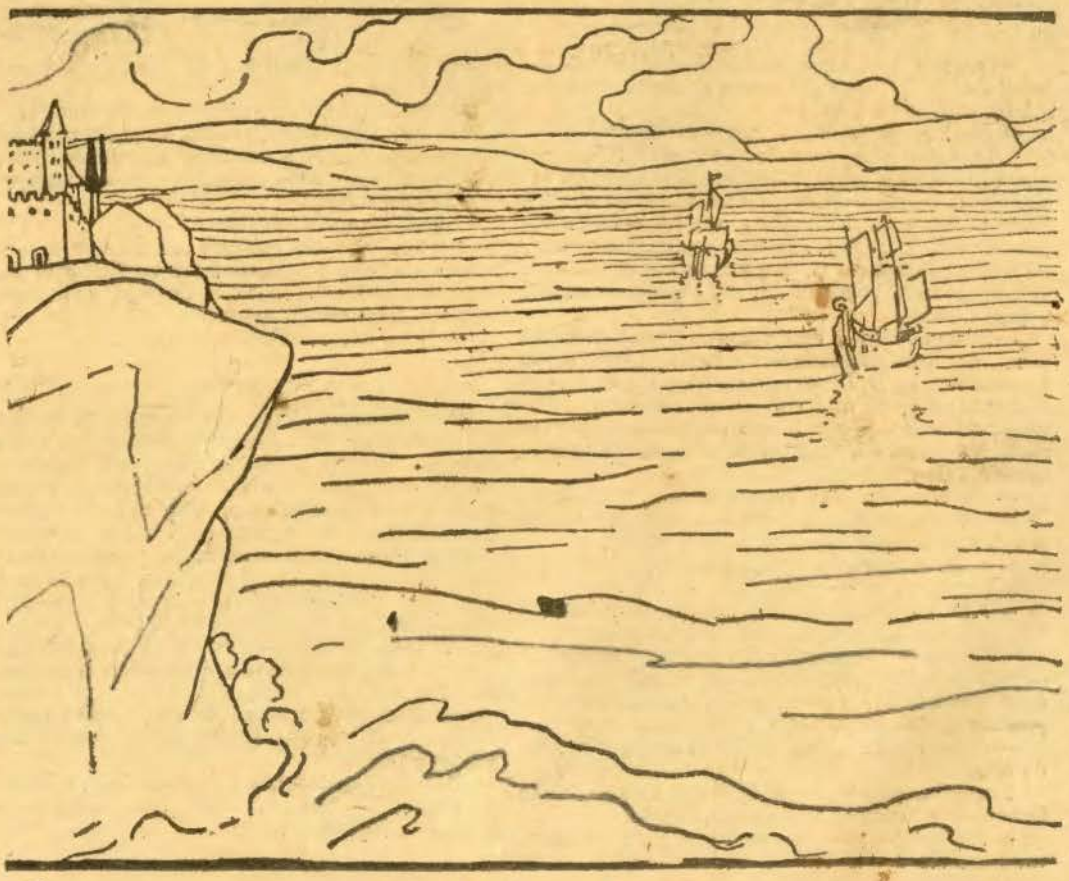
— Que tendes vós, Martins Vaz? — disse êle. — A' fé de bom cavaleiro que apresentais a fisionomia descomposta, e os olhos a brilharem como se estivesseis na mais viva refrega! Vinde cá e dizei o que sentís!

Martim Vaz obedeceu, e disse imediatamente:

— Eu vos juro, D. Nuno, que estais, sem o saber, cometendo aqui a mais abominável das injustiças! Ah! Não acreditais, senhor? Vi vos sorrir...

— Acredito! Dizei!

PARA OS MENINOS COLORIREM



— E fazeis bem em acreditar, senhor! Por Deus! Sabei que se D. Diogo não esteve até ao fim da batalha foi porque ficou ferido!

— Sim? Ficou ferido? E com gravidade

— Lá estais vós a duvidar, D. Nuno... Sim, senhor! E' verdade! Se D. Diogo não ficasse ferido, vós não ficarieis vivo!! Juro-vos... Ah! Juro-vos!! Senhor! D. Nuno... Fui sempre um dos mais activos guerreiros do exército... Podeis acreditar em mim...

— Mas, Martins Vaz, porque tenho por vós uma grande amizade, peço-vos que me expliqueis melhor o que se passa.

— Senhor! Ides já compreender. Queria dizer, há pouco, que um castelhano vos mataria, à traição, em Aljubarrota, se D. Diogo não vos servisse de escudo aparando o golpe que vos estava reservado! Felizmente que não o matou. Se não quereis acreditar em mim, preguntai-o à padeira de Aljubarrota que foi quem o curou.

— Devo-vos, então, a vida, D. Diogo! — exclamou D. Nuno. — A minha morte nessa batalha poderia ser muito bem a perda da nossa querida pátria!

E o Condestável apertou, comovido, o jovem nos seus braços.

— Mas porque não dizeis porque matastes três homens e vos batestes em duelo com vosso pai?

— Porque — respondeu, em voz forte, Martim Vaz, — porque se D. Diogo não matasse êsses três homens, êsses três homens matariam aquela encantadora espanhola que D. Diogo ama!

— Calai-vos... peço-vos... — suplicou o filho do conde.

Fez-se luz no espírito de D. Nuno Alvares. Olhou fixamente o mancebo, e disse-lhe depois:

— Reparai no que vos vou dizer: Ide ter com a vossa amada, e não tenhais mêdo! Quando vos casardes com ela, permiti que eu seja padrinho do casamento! Ide...

O jovem não quiz acreditar naquele momento no que ouvia. De repente, porém, despediu-se de todos os presentes, largou a correr até à porta do palácio, montou um soberbo cavalo, e sumiu-se a galope na curva duma estrada.

Todos ficaram comovidos.

Martim Vaz, ora esfregava as mãos de contentamento, ora cofiava o bigode, ora verificava se numa renhida escaramuça contra os inimigos a sua espada saía com ligeireza da bainha.

D. Nuno Alvares Pereira, sorria...

*

Passado pouco tempo, em Valverde, os portugueses alcançaram outra brilhante vitória contra os castelhanos, ficando, assim, o nosso país liberto, para sempre dos nossos temiveis e ambiciosos invasores.

D. Diogo, nessa batalha, bateu-se como um leão e foi continuamente vigiado pelo olhar protector de Martim Vaz — que teve numerosas ocasiões de verificar que a espada não só saía com ligeireza da bainha, mas também entrava com uma facilidade extraordinária nos corpos dos castelhanos.

A' volta, efectuou-se com grande pompa o casamento, e D. Nuno cumpriu a promessa de ser padrinho dos noivos.

D. José arrependeu-se do que fizera ao filho, e D. Margarida, sua bôa esposa, não se cançou de dar graças a Deus.

D. Julieta Etelvina, a bela espanhola, e D. Diogo de Abrantes, o audaz cavaleiro, viveram muitos anos na mais completa felicidade.

FIM